casadesarmento
centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

COISAS PASSADAS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1921 | Número: 31

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Coisas passadas. *Revista de Guimarães,* 31 (1-2) Jan.-Jun. 1921, p. 62-64.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

COISAS PASSADAS

Naquele tempo havia um riso que traduzia alegria de viver, ingenuidade natural, sinceridade espontânea. Lembro-me desssa manhã luminosa de Aleluia! A sentimentalidade é perdida, e hoje o riso, forçado, morre num bocejo que desoprime afinal... Sábado de Aleluia! O encantamento dissipou-se com a nuvem de magia e os olhos, deslumbrados da ilusão, encontram apenas a banalidade corrida e insaciável!

Era de luz intensa e sonoridades aquela manhã de Aleluia! Tudo irradiava alegria, os sinos grazinando em festa, o povo, a turba dos campos que vinha mercar e feirar, vendiam-se folares, o pão de ló, as amêndoas, os cravos de papel com a sua quadra amorosa em bandeirola sôbre a haste, dentistas-prestidigitadores clamavam, acima da multidão, atraíndo os últimos incrédulos, ostentando grandes diplomas de mérito e vendendo pomadas miraculosas, mulheres de face queimada e cabelos oleosos que liam a sina, todo o bezoirar duma multidão formigando, acotovetando-se, movimentada, indo, voltando, apressando tudo, remexendo, rabuscando sem nada comprar. E até o próprio Judas, afinal, o Judas garrido e berrante na policromia oftálmica das suas vestes de papel de sêda, com botas roubadas no lixo das vielas, até êsse era simpático, alegre, irónico e chocarreiro como um bobo, e morria contente e estoirava satisfeito, pondo ao sol, claro e vibrante, a sua intestineira de estôpas e a ossatura de tábuas e arames! E, ainda por cima, aquele Judas interessante fazia o «testamento» aos seus carrascos, todo em redondilha, impresso no mais ordinário e gaiato papel-fino e deixava, deixava, deixava tudo! E corria-se, então, nas ruas, para ver estoirar o Judas, aqui e além. O povo tinha saúde e ria, interessado por estas pequenas coisas grandes! Era assim alegre, ingénuo, espontâneo, aquele povo que perdia horas a convencer e a expor ra-

zões por causa do lucro ou da perda duma moeda de cinco réis! Vai há tam pouco e parece tam distante êsse bom velho tempo!...

E vós, Senhor S. Jorge, cavaleiro, onde estais vós com vosso cavalo de batalha?! Como o povo era bom, nesse tempo, e era são! Vinham os carros de bois, em chiadeira, cercados de garotio, como um bando de abelhas, distribuindo as ervas cheirosas e benzidas, e toda a gente era às portas, ricos e pobres, a receber o seu feixe para depois tapetar a rua de verde em frente à sua morada, no triunfo ao cavaleiro Santo! Os fidalgos mandavam seus trôpegos lacaios, como relíquias, conduzindo à mão cavalos anquilosados pelas longas permanências na indolência escura das mangedouras, cobertos com velhos xairéis armoriados; e os animais, cansados duma velhice farta e satisfeita, enfeitavam-se, como para um torneio medievo. Depois lá vinha o Santo, a cavalo, com seus moços aos estribos, segurando-lhe as pernas rijas, de pau, couraçadas na folha reluzente de Flandres. Lá atrás o pálio rico com a sua paramenta em damasco e oiro e por fim o regimento, o nosso, bem limpo, escovado, engraixado e polido, em passo cadenciado e lento, os olhos dos alferes percorrendo as varandas repletas de senhoras, trespassando tudo num apetite sem escolhas. Recolhida a procissão, seguiam-se as descargas na Oliveira, umas vezes certas, iguais, outras vezes desastradas, na irritação das vozes de comando! E o povo ria alegremente, corria, comprimia-se, atropelava-se para ver estas coisas. O povo era bom, naquele tempo...

Velhinhos rufadores de caixa e mocetões tocadores de bombo e dançarinos! Porque não trazeis mais a Senhora a Vila?! Senhora-da-Lapinha, de trás da Serra, que abençoais as sementeiras e os campos, onde está a feeria bisantina do vosso andor, scintilante de escamas de oiro e vidrilhos multicores?! Tam pequenina, mas tam pesada que os latagões transpiravam e resfolegavam quando vos traziam nos ombros largos e quadrados! Aquele cortejo de bandeirolas selváticas suspensas em altas varas encimadas com ramos de murta; os romeiros de caras tisnadas do sol amortalhados em longos véus e diademados de coroas floridas, místicas de mais para os seus carões

de fartas suiças; aquela estreita rua de Santa Maria, com o seu empedrado de via romana, despejando, como um rio impetuoso, a multidão interminável no largo da Oliveira; a limonada fresca e o sol ardente e cauterizante; moças vendendo ramos para a Santa; as velas de cera de promessa, as cavacas das doceiras, tudo isso que nos infiltrava alegria, riso aberto e claro, tudo isso acabou...

Romagem de S. Tiago da Costa, tam linda, com seu andor ostentando os primeiros cachos das abençoadas uvas, a pintar; S. Tiago cortejando de cima do andor, em vénias perigosas, à despedida, os celestiais colegas e visitantes de Atães, Santo Estêvão e Lapinha! S. Tiago já não recebe, agora... A vida está cara!

E tantas outras festas, tantas, que, de criança, me andavam gravadas na retina, tudo acabou! A Semana Santa na igreja da Oliveira, o Entêrro, com os cónegos imponentes, hieráticos, paramentados de arminhos e grandes mantos roçagantes, entoando os cânticos fúnebres sob a arcaria sonora das abóbadas! Tudo findou bruscamente. ¿E o que resta para substituir na alma idealista do povo esta figuração primitiva e ingénua que lhe incutia bondade, alegria, riso, tranqüilidade, que o mantinha na sua simplicidade inata e no seu ordeiro e honesto pacifismo de trabalhador?! Nada resta. O povo de hoje faz lembrar um formigueiro em fúria, atacado por maldade: agita-se, corre, sai da toca, move-se em todos os sentidos, mas sem orientação alguma, sem destino! Todos procuram vencer, salvar-se, mas individualmente, sem arriscar um cabelo pelo todo, nesta época charra de grosseiro e desenfreado egoísmo, nestes tempos sem vergonha, sem lei e sem carácter, em que todas as honras se corrompem e se vendem! Por espírito de destruição derrubaram-se os deuses pátrios, sem se criarem novos deuses, novos valores de ordem social, ficando nas almas simples a aridez do espírito de descrença que conduz à revolta inconsciente e indisciplinada! Assim o nosso tempo, êste em que o povo já não sabe crer nem encontrar a alegria ingénua e sã daquele tempo que passou há pouco e parece ir tam longe...

MÁRIO CARDOSO.